

Sessão de Abertura do Ano Académico 2012/2013

António Sampaio da Nóvoa

Reitor da Universidade de Lisboa

Aula Magna, 16 de Janeiro de 2013

Em meu nome e em nome do Presidente do Conselho Geral, Dr. Henrique Granadeiro, em nome da Universidade, agradeço a presença de todos.

Nas figuras do Senhor Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, dos Senhores Presidentes do Supremo Tribunal Administrativo e do Tribunal de Contas, do Senhor Ministro da Educação e Ciência, dos Senhores Vice-Presidentes da Assembleia da República, da Senhora Procuradora-Geral da República, do Senhor Provedor de Justiça, da Senhor Representante da República para a Região Autónoma dos Açores, do Senhor Coordenador do Bloco de Esquerda e do Dr. Mota Amaral, Antigo Presidente da Assembleia da República, cumprimento as altas individualidades, civis e militares, conselheiros de estado, secretários de estado, deputados, embaixadores, autarcas, todos os amigos da Universidade que hoje estão connosco.

Uma palavra muito especial para o Dr. António Costa e para o gesto da Câmara Municipal de Lisboa, que tanto nos honra. Nós somos a cidade e, sem ela, não teríamos sentido.

Nas pessoas do Prof. Adriano Moreira e do António Cruz Serra, dos membros dos conselhos gerais e dos senados, saúdo as comunidades académicas da UL e da UTL, mas também das outras universidades e escolas, na sua imensa pluralidade e diversidade.

Tem sido uma viagem extraordinária, pela universidade pública, pela cidade, por Portugal.

Quando os outros se calam, nós falamos. Quando os outros se resignam, nós fazemos. Quando os outros se demitem, nós não. A força que agora estamos a construir é para ser posta, por inteiro, ao serviço do Portugal futuro.

Chegou a hora de agir, de responder a um país que não pode tornar-se céptico a ponto de descrer da própria vida (Antero).

A crise não pode ser pretexto para regressarmos ao passado. Temos direito a um país livre, a um país limpo, a um país justo (Sophia).

Hoje, não venho falar-vos da universidade. Venho falar-vos de Portugal.

Durante muito tempo o meu país esteve dominado por vozes que foram explicando as nossas particularidades como povo. Teríamos nascido para intermediários, para mercadores, para ligarmos culturas e continentes, mas não para produzirmos e, muito menos, para criarmos ciência, conhecimento ou tecnologia.

Este tem sido o nosso drama, pelo menos desde o século XIX. Já Bernardino Machado dizia, na célebre oração de sapiência de 1904: “Uma nação sem originalidade, que nada cria, inventa e descobre, e apenas vive de empréstimos materiais ou espirituais, se ainda conserva a sua autonomia, não está longe de perdê-la”.

Desperdiçámos cinquenta anos do século XX, abandonados a uma pobreza resignada, a um país sem educação, sem cultura, sem ciência. Como se a liberdade e os direitos se pudessem trocar por um pouco de segurança e de paz, que afinal não era paz, mas sim guerra.

Afastámo-nos dos centros científicos e culturais, e é essa distância, esse fosso, que explica as nossas fragilidades, as nossas dificuldades.

Este é o problema de Portugal, um problema que começámos a resolver no ano em que houve mesmo Primavera no mês de Abril.

Desde então, passaram 40 anos de uma vida nova, uma vida que fica também marcada pela Europa.

Dedicámo-nos, e bem, à educação, à cultura, à ciência. Conseguimos ser *Europa* e colocar-nos a par de países que, há séculos, investem continuamente em educação e em ciência.

Mas faltou-nos capacidade para reorganizar a administração e a estrutura económica do país. Não soubemos utilizar os fundos europeus para transformar Portugal e o dinheiro circulou sem contribuir para o reforço da sociedade e da economia.

E assim entrámos no século XXI com três camadas que coexistem sobrepostas:

- uma geração qualificada e bons índices de educação e de ciência;
- uma estrutura da administração e um tecido empresarial frágeis e ineficazes;
- um país com zonas de pobreza e enormes desigualdades.

Quando a crise se abateu sobre a Europa, estávamos mais desprotegidos do que os outros, e certas ideologias logo se apressaram a explicar que era preciso recuar. Em vez de futuro teríamos de voltar a ser passado.

Como se, agora, a nossa grande esperança fosse apenas a de sermos expulsos do inferno (Cruzeiro Seixas).

Mas em momentos assim – e isto é o mais importante que tenho para vos dizer – de crise e perturbação, as sociedades encontram, no fundo de si mesmas, energias que pareciam adormecidas e que, de repente, acordam. Não sei se estamos a despertar de um sonho ou de um pesadelo, mas o importante é acordar. Acordar e agir.

E agir quer dizer ligar as três camadas de Portugal que estão separadas: ligar a geração qualificada, a ciência e a tecnologia à reorganização do Estado e da economia sempre com uma forte consciência social.

No Portugal de hoje a responsabilidade primeira desta ligação está nas universidades.

São muitas as mudanças de que precisamos no Estado, na sociedade e na economia. Mas, tal como Alexandre O'Neill, também eu não quero que Portugal sejam só três sílabas, de plástico, que é mais barato.

É urgente colocar o conhecimento, a ciência, a formação superior, ao serviço de um novo modelo de desenvolvimento, e para isso é necessária uma concepção radicalmente nova de universidade.

Eis o que nos trouxe a este dia, a esta nova Universidade, que, em conjunto, e também com a colaboração do Governo, estamos a construir.

Com os olhos na ciência.

Com os olhos na cidade.

Com os olhos na ciência, na energia do conhecimento e das novas gerações, pois está aqui, em nós, o lugar de inovação e de mudança da sociedade portuguesa.

Com os olhos na cidade. Somos Lisboa. Somos universidade pública. Aberta. Sem fronteiras. A universidade é a cidade. Daqui vê-se o mundo.

Peço desculpa a Miller Guerra, mas acabamos de provar que as universidades também se auto-reformam. E dizemo-lo com a consciência clara da imensa responsabilidade que isso nos traz.

As universidades já não são apenas universidades (no sentido tradicional do termo). São espaços de ciência, de criação, de conhecimento. São espaços de tecnologia, de iniciativas económicas e empresariais. São espaços de

presença e de participação na vida da cidade. São instituições centrais para levantar Portugal.

É para isso que precisamos de liberdade. Liberdade de pensamento crítico. Liberdade para construirmos alternativas. Essa liberdade *sem condição* (Jacques Derrida) que define a universidade.

Liberdade que é também vontade (José Gomes Ferreira), compromisso, despojamento.

O que me traz a esta Aula Magna, no meu último ano académico como Reitor, é muito mais do que uma nova Universidade, é o sonho de uma Universidade inteiramente comprometida com o futuro de Portugal e dos portugueses.

“Desespero, desespero e mais desespero. Muito bem”. Simplesmente – como diz Torga – “é necessário que esgotado o cálice da amargura, surja a bebedeira da esperança. (...) A humanidade quer seguir viagem”.

É difícil dobrar o cabo? Claro que é.

É estreita a passagem? Claro que é.

Sabemos bem que nesta barcaça não passaremos. Mas num navio de maior calado e velas amplas, com a coragem do presente, com a coragem do futuro, passaremos de certeza.

Sim, passaremos, porque há causas que dão sentido à nossa vida.

Sim, passaremos, porque a eternidade é agora ou não será nunca (Cruzeiro Seixas). E é agora que o país mais precisa de nós.

Passaremos. Juntos, solidários e livres, passaremos!